

Ministério da Cultura, Instituto Tomie Ohtake,  
Citroën e Banco Citroën apresentam a exposição

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

APRENDENDO COM



DORIVAL  
CAYMMI

CIVILIZAÇÃO  
PRAIEIRA



# ***Aprendendo com Dorival Caymmi:***

O Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake realiza um intenso programa que promove o aprendizado, a experimentação e o engajamento dos mais diferentes públicos em atividades ligadas à arte e à cultura. O programa inclui uma extensa pesquisa sobre arte, visitas mediadas, ações poéticas em ateliê, formação de educadores, projetos socioculturais, prêmios, seminários, mostras de filmes, cursos, oficinas e publicações. Em todas as ações, buscamos estimular o potencial sensível, reflexivo e imaginativo das pessoas e gerar, por meio de formas inventivas de participação e encontro com o outro, espaços de autonomia, criatividade e transformação social.

Esperamos que esta publicação, espécie de carta náutica poética, possa inspirar a descoberta de territórios da exposição *Aprendendo com Dorival Caymmi: civilização praieira*. Mais que uma reflexão acerca da mostra, propomos um ponto de partida para um horizonte aberto, um convite com múltiplas rotas para aquele que, desprovido de certezas, mas movido pelos seus afetos, arrisca-se a sair para o mar.

# civilização praieira

Esta publicação é livremente inspirada nas antigas cartas náuticas criadas para orientar os navegadores sobre as profundidades das águas navegáveis, faróis, localização de territórios. Nesta cartografia marítima inventada, você e os demais navegantes irão explorar rotas e territórios provenientes da produção poética, artística e cultural brasileira: sobre o cantor e compositor Dorival Caymmi; o arquiteto, engenheiro, agitador cultural e artista Flávio de Carvalho; o marinheiro e pintor José Pancetti e o designer e arquiteto Sergio Rodrigues.

Cada um desses territórios apresenta uma topografia, uma vegetação, uma geografia, enfim, uma natureza muito própria. Caymmi é a ilha-farol que vaga pelo mar, irradiando e reverberando nos outros territórios conceitos de tempo e envolvimento com o ambiente. Esses conceitos se relacionam com uma espécie de contiguidade entre homem e natureza, ou seja, o homem não é o agente que domina, controla ou explora o ambiente, mas vive entrelaçado à natureza, com seus mistérios e prazeres. A cidade Flávio de Carvalho é um espaço público, urbano e utópico, onde o homem tem liberdade e curiosidade para usar o tempo e o espaço conforme seus desejos. A cidade-horizonte Pancetti é longa, silenciosa, feita só de beira-mar. O tempo ali corre diferente: é estendido, espaçado e destinado à contemplação do mar. Já o território de platôs Sergio Rodrigues é selvagem e primitivo, e nele a madeira, matéria-prima nativa, é farta. Seus habitantes são as muitas árvores fincadas por entre os altos platôs.

Para vagar nesses mares, propomos pequenos verbetes acerca da produção poética de cada um desses autores e algumas rotas conceituais, com ações poéticas, que propõem discussões sobre tempo, espaço e corpo. Você pode traçar outros caminhos, desenhar outras relações, estabelecer outros nexos criativos e, inclusive, acrescentar outros conceitos e artistas.

Boas experiências.

## ***Escrita ao mar***

Dorival Caymmi cantou a vida à beira mar. Narrou os encantos do pescador, sua necessidade contemplativa, seus esforços debaixo do sol; as crenças religiosas, as preces por fartura e um tanto do receio de quem espera alguém que vai para o alto mar; o pouso fácil do olhar errante que se acalenta no horizonte do litoral. Com os pés fincados nas raízes africanas, exaltou a **vagarosa pulsação da paisagem e dos tipos da Bahia**, inaugurando uma **poesia popular** e de resistência. Para isso, o cantor e compositor usufruiu **de um frutífero enlace com a natureza, com o contexto social e cultural** em que estava inserido, e, assim, acabou por traduzir em verbo e som um hibridismo entre o urbano e o praieiro, em que o rumor da cidade parecia estar entrelaçado ao movimento das marés. Sua poesia, uma artesanaria entre melodias simples, tempos dilatados de seu violão e palavras coloquiais, foi escrita a “olho nu”, disse o antropólogo Antonio Risério. Caymmi não se preocupou em reinventar a cultura do povo brasileiro, a exemplo de outros cantores de sua época. Aquietou-se a meia distância da velocidade industrial e desenvolvimentista que o Brasil vivenciava nos anos 1940 e 1950 e recriou em música cenas nada nostálgicas, tampouco folclóricas ou insinuantes de clichês paradisíacos com personagens exóticos. Caymmi falou de sua experiência em um **tempo e lugar onde habitavam todos os seus matizes afetivos**: o vento, o vatapá, os coqueiros, a areia, a morena...

## **"A arte que interessa é aquela que procura destruir uma suposta verdade"**

Com uma atuação provocativa e crítica às lógicas normativas que imperavam no Brasil do início do século XX, **Flávio de Carvalho** ousou ao acreditar que apenas a ruptura com os tabus burgueses levaria o homem a vivenciar com curiosidade “as maravilhas do universo, o prazer pela vida, o entusiasmo em produzir coisas”. Para **Flávio**, era impossível discutir o homem de maneira isolada, sem considerar a cidade, a economia, o vestuário, os hábitos, a história. Para ele, o corpo humano era atravessado por linhas de forças psicológicas, cujas **identidades deveriam se manifestar no espaço público**, como partículas em uma dinâmica de inteligência coletiva. Tal pensamento complexo influiu suas experiências e projetos: *Fazenda Capuava* (1939), *Série Trágica* (1947), *New Look* (1956). **Flávio** ignorou a lógica da fragmentação dos saberes. O **sensível e o racional**, arte e ciência, experimentação e método caminharam juntos nos seus diversos fazeres, como engenheiro, arquiteto, artista, dramaturgo, agitador cultural, pesquisador. E essa união, para ele, seria a via de acesso e ascensão a um nível de evolução em que o homem viveria, enfim, motivado por sua criatividade e liberdade em todas as instâncias: cultural, política, afetiva, intelectual. O homem seria livre e despido de ansiedade, valores morais, urgências produtivas. E, portanto, apto a construir uma nova paisagem urbana nos trópicos: A cidade do homem nu, uma **utopia urbana**, criada por **Flávio**, onde não existiria tédio ou fadiga, pois o tempo seria de prazer e conhecimento.

## É preciso parar para ver o tempo

Por entre os veios sinuosos da madeira bruta, ao entalhe de volumes. Do trançado da palha à textura do couro. O inquieto olhar do designer e arquiteto **Sergio Rodrigues** buscou uma espécie de “brasilidade” para produzir mobiliários. Motivado pelas urgências de uma afirmação da identidade cultural brasileira, **Sergio** mergulhou em pesquisas acerca dos artefatos indígenas e da diversidade de produções vernaculares brasileiras. Sua resposta foi a tentativa de construir uma loja de móveis na praia – a *Oca*, que teria a simplicidade da casa indígena – e de desenhar mobiliários **tendo o corpo como molde**, sendo assim um convite a acolher quem tivesse **disponibilidade à preguiça**, a ficar quase deitado, enquanto o tempo urgia em demandas cotidianas. Por outro lado, **Sergio** entendia que nos anos 1950, momento de um nítido reconhecimento internacional da arquitetura modernista brasileira, seria necessário adentrar esse ambiente com um mobiliário com o mesmo nível de elaboração e originalidade dos projetos arquitetônicos, e, ao mesmo tempo, com critérios que expressassem uma certa regionalidade. Tratava-se, portanto, como sugeria, de perceber que “o móvel não é só a figura, não é só o material (...), e sim alguma coisa que tem dentro dele (...). É o espírito brasileiro”. Assim, ele perseguiu **um modo brasileiro de estar nos espaços**: relaxamento e descontração. Tais aspectos estão presentes na formulação da *Poltrona Mole* (1957). A robusta estrutura em madeira abraçada por grossas correias de couro que forma um ninho para os fartos almofadões contrastava vivamente com a elegância dos móveis esguios e ditos elegantes que eram produzidos naquele momento.

## *Um horizonte em cor de praia*

**José Pancetti:** marinheiro e pintor. O mar: coisa vista e pintura. **José Pancetti:** migrante e com os pés na areia. Ver: com o próprio corpo e sua forma de estar no mundo. **Pancetti** descreveu a experiência de estar de frente para o mar em suas telas, ora percorrendo a orla com uma linha; ora fazendo dela um lugar onde se movimentam sutilmente o marinheiro, a lavadeira, o menino, a onda que vai, que vem. Desses horizontes se avistam o barco, o coqueiro, a pedra, a vida na praia. Uma atmosfera simplificada e concisa em campos de cor e uma composição de curvas sinuosas, que surgem sem demarcações tão nítidas, anunciam o que enxergou só mesmo quem esteve ali, em uma postura contemplativa e solitária. **Pancetti** pintou ao ar livre, recriando esses feitos da natureza. Sim, para ele, homem, barco, mar eram todos obras da natureza. Assim, são de areia, vento e gente suas paisagens marítimas. E de um grande e estendido silêncio. **Pancetti** pintou com os olhos na praia, atento, minucioso, analítico. “uma percepção direta, primeira, quase de criança”, diria o crítico Mário Pedrosa. Talvez esteja aí o seu jeito de estar no mar e pintá-lo: ver tudo como se fosse pela primeira vez, analisando, explorando, espreitando cada movimento e luz, transformando cada sensação em componente de pintura, em massas de cor. As marinhas – feitas de memórias guardadas no corpo, entranhadas em seus ossos, como escreve em seu diário, ou ainda constituídas a partir da interpretação imediata de estar na praia – são vistas apartadas do tempo. São paisagens inertes aos acontecimentos do mundo, e, ao mesmo tempo, verossímeis enquanto pintura. **Pancetti:** o velho pintor e sua incansável vocação de artista. O mar: criador de tudo que **Pancetti** criou.

# Aprendendo com DORIVAL CAYMMI CIVILIZAÇÃO PRAIEIRA

O QUE QUEREMOS E COMO PODEMOS CONSTRUIR UM HORIZONTE

UTOPIA DE UM LUGAR. O QUE QUEREMOS PODEMOS CONSTRUIR

*De Dorival Caymmi a Flávio de Carvalho*  
 A cidade em que habitamos é construída também por nossos rastros, pelas trajetórias que descompunhamos, pela história como usufruimos os lugares e também por nossas memórias de cada lugar. Propõe-se uma caminhada, fazer que os participantes se apeguem ao caminho traçado por vocês em desenho. Depois montamos juntos uma espécie de arquivo de tudo que vimos e escrevemos para deixar na cidade que vocês gostariam de construir.

CONTEMPLAR O ESPAÇO, INSERIR-SE NO CONTEXTO SOCIAL, CULTURAL, ECOLÓGICO.

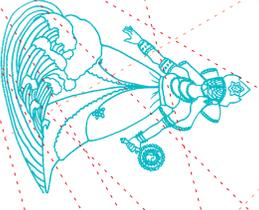
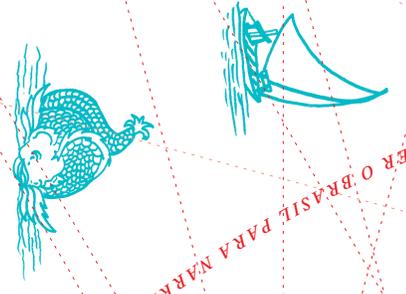
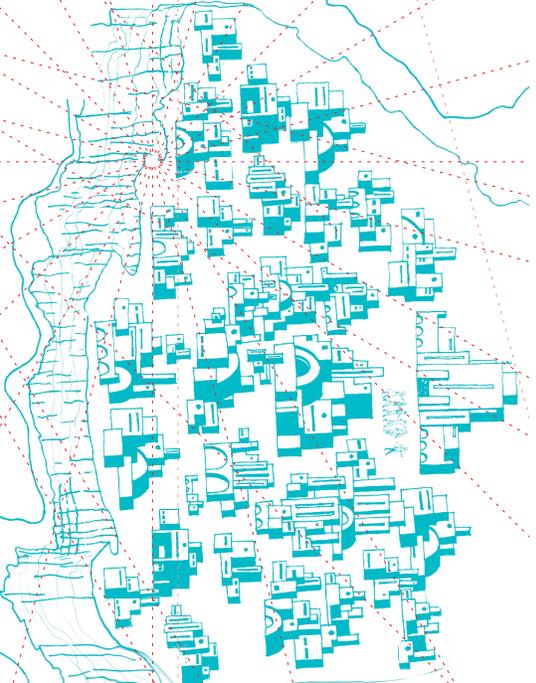
*De Dorival Caymmi a Sérgio Rodrigues*  
 Você já notou que os espaços habitados por muitos oferecem "companheirismo"? Na cidade, vemos placas, notabilidades, materiais muito diferentes uns colocados nos muros e nos prédios. No entanto no campo, vemos árvores, pira, areia, um horizonte a perder de vista. Perceba que tudo isso pode compor uma paisagem. Convide os participantes desta ação a construírem juntos, e em silêncio, uma espécie de paisagem no espaço: sons, volumes, texturas, materiais e os mais diversos objetos. Durante a ação, toda a composição estará em processo e as escolhas devem acontecer em silêncio. Observem e contemplem juntos como esse projeto passar a integrar o espaço, qual desenho e complexidade pode ser a construção de uma paisagem coletiva, quanto desjos e visões de mundo podem habitar ali.

*De Dorival Caymmi a José Paesotti*  
 Como você costuma contar o tempo? Por sempre? Olhando para o céu? A partir do ciclo do dia e da noite? Ou através de acontecimentos? Propõe-se que os participantes desta ação se dividam em pequenos grupos. O desafio será cada um ser inventar uma estratégia para contar o tempo. Lembrando: nesse corpo também pode ser um instrumento.

O TEMPO SEM RELÓGIO, O TEMPO DE ENLACE COM A NATUREZA

O CORPO NOS TRÓPICOS: A FORMA DOS TRÓPICOS

OLHAR O BRASIL, VIVER O BRASIL PARA NARRAR O MAR



## Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake

Direção **Felipe Arruda**

Assistência de direção **Fernanda Beraldi**

Ação e pesquisa educativa **Galciani Neves** e **Divina Prado** (pesquisa e projetos em arte), **Felipe Tenório** e **Melina Martinho** (educação e mediação) Educadores: **André Castilho Pinto**, **Anike Laurita**, **Juliana Cappi**, **Lorena Pazzanese**, **Pedro Gabriel Amaral Costa** e **Priscila Menegasso**

Projetos socioculturais **Luís Soares**, **Victor Santos** e **Maiara Paiva**

Administração **Maurício Yoneya**

Publicação

Concepção **Galciani Neves**

Assistência de conteúdo **Divina Prado**

Pesquisa e Ilustração educadores do Núcleo de Cultura e Participação

Projeto gráfico **Vitor Cesar**

Revisão de texto **Divina Prado** e **Jamille Pinheiro**

Exposição **Aprendendo com Dorival Caymmi – civilização praieira**

Realizada no Instituto Tomie Ohtake de 2 de março a 1 de maio de 2016



Patrocínio



**CITROËN** BANCO CITROËN

Apoio



Sertrading

Idealização e coordenação geral



Apoio de mídia



Realização



Ministério da Cultura

